



Universidades Lusíada

Barbosa, Jorge Ferreira

Do significado e significantes no universo do património à dinâmica de auto verificação da sua qualidade

<http://hdl.handle.net/11067/5385>

Metadados

Data de Publicação	2015
Resumo	<p>O valor e qualidade do património inscrita nas “crónicas de pedra” do(s) lugar(s) onde está aferida a autenticidade e essência da sua qualidade substantiva, inserese na atitude que corrobora a interpretação, entendimento e justificação dos seus significados e significantes. Emerge da reflexão dos seus elementos fundamentais para entender e sentir o património, desde a escala da Paisagem, do Território da Arquitetura até às pessoas... É confinada na articulação convergente dos pontos em síntese, os...</p> <p>The value and quality of the heritage entered in the “Chronicles of the stones” of the lace(s) where it is determined the authenticity and essence of its substantive quality, attitude that corroborates the interpretation, understanding and justification of their meanings and significant. It emerges from the reflection of its fundamental elements to understand and feel the heritage, since the scale of the landscape, land use planning, Architecture and the people... It is confined in the convergen...</p>
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] RAL, n. 8 (2.º semestre 2015)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T08:49:20Z com informação proveniente do Repositório

BARBOSA, Jorge Ferreira (2015). “Do significado e significantes no universo do património à dinâmica de auto verificação da sua qualidade”. Revista Arquitectura Lusíada. N.º 8 (2º semestre de 2015): p.5-19. ISSN 1647-9009.

DO SIGNIFICADO E SIGNIFICANTES NO UNIVERSO DO PATRIMÓNIO À DINÂMICA DE AUTO VERIFICAÇÃO DA SUA QUALIDADE

Jorge Ferreira Barbosa

RESUMO

O valor e qualidade do património inscrita nas “crónicas de pedra” do(s) lugar(s) onde está aferida a autenticidade e essência da sua qualidade substantiva, insere-se na atitude que corrobora a interpretação, entendimento e justificação dos seus significados e significantes. Emerge da reflexão dos seus elementos fundamentais para entender e sentir o património, desde a escala da Paisagem, do Território da Arquitectura até às pessoas... É confinada na articulação convergente dos pontos em síntese, os quais designo como: os quatro grupos e seus pontos concorrentes para uma valia patrimonial. Estes abarcam; a lógica, a forma e a função, as emoções e os sentidos, a harmonia e o valor, com os seus subpontos conferindo-lhes um carácter substantivo. Da singularidade à tipificação de uma valia patrimonial de um centro histórico é elaborada uma exposição refletiva neste artigo, corroborada por uma nova sustentabilidade dinâmica que na sua essência requer o seguinte: a verificação (V), a continuidade (C), a renovação (R), com uma dinâmica motriz (D) para um entendimento, em processo contínuo, do valor e qualidade do património de um lugar.

PALAVRAS-CHAVE

Significado e significantes, Valor, Valia patrimonial.

ABSTRACT

The value and quality of the heritage entered in the “Chronicles of the stones” of the place(s) where it is determined the authenticity and essence of its substantive quality, attitude that corroborates the interpretation, understanding and justification of their meanings and significant. It emerges from the reflection of its fundamental elements to understand and feel the heritage, since the scale of the landscape, land use planning, Architecture and the people... It is confined in the convergent points of a summary, which I named: the four groups and their main issues for the heritage values, these includes; the logic, form and function, emotions, harmony and value with their subjects giving them a substantive nature. These values and its singularity typification on an historic centre is elaborated in this article, and corroborated by a new dynamic sustainability that in its essence requires the following: verification (V), continuity (C) renewal (R), with driving dynamics (D) to an understanding, in a continuous process, the value and quality of one place heritage.

KEYWORDS

Meaning and Significant; Added value; Heritage value;

1. PAISAGEM, TERRITÓRIO E ARQUITETURA

Entende-se, aqui, pertinente expor um conjunto de reflexões e explicações síntese, como tal, temos a nível geográfico, a topografia do meio e sua envolvente, que implica o estudo dos acontecimentos da geografia física, a nível do território e numa composição social, a geografia humana. A nível da parcela surge o objeto onde se enuncia a arquitetura, ou seja a obra edificada, vislumbrando-se a estrutura fundiária e a relação de vizinhança, entre outras. Há uma inter relação nestas três categorias; a Paisagem, o Território e a Arquitetura, onde o edifício como um dos elementos da arquitetura atua sobre o suporte geográfico transformando-o, em muitos casos, por acumulação e repetição dos modelos construídos, que por sua vez, atuam na paisagem criando uma figura de fundo, que com as novas alterações e acréscimos interfere com o Território. Este entendimento de espaços sustentados¹ não pretende apresentar-se como único, e unitário, de um vasto abarcar das diferentes escalas, ordens de grandezas e pontos de vista desta temática, mas sim identificar alguns pontos importantes estando relacionados com valores arquitetónicos numa postura antropográfica, construída sobre a própria história da arquitetura, sobre o território transformando a paisagem, pois a percepção deste entendimento é sempre historicamente construída, fortalecendo o sentido de identidade e pertença², como tal, a geografia do lugar é continuamente reformulada pela nossa experiência cultural enquanto utilizadores, pelas novas dinâmicas e estruturas económicas, sociais, políticas, entre outras. De igual modo, explicamos de seguida, de uma forma breve, alguns conceitos / entendimentos de pontos chave que perfazem e constituem o entendimento dos três valores.

A Paisagem: É definida pelo Chamber's Etymological Dictionary como a forma ou aparência de uma porção de terra que a nossa vista consiga alcançar de um só lance em toda a sua amplitude; é o aspeto de uma região ou um quadro representante da configuração de uma região ou de um país. Numa atual aceção do significado de paisagem planeada, distingue-se três elementos dela própria: as condições de visibilidade, a qualidade e a fragilidade. Os estudos da visibilidade e exposição partem da configuração topográfica do terreno e usam-se para determinar a área visível a partir de um local de observação. O estudo da qualidade tem como finalidade delimitar

¹ São aqui lembrados os princípios da Conferência Europeia sobre as Cidades Sustentáveis, realizadas em Aalborg, Dinamarca, 24 a 27 de Maio de 1994. Aqui se decidiu a aplicação dos Princípios da Agenda 21 resultantes da Conferência da Terra realizada no Rio de Janeiro, em 1992, "Cap. 8. Historical places, objects and manifestations of cultural, scientific, symbolic, spiritual and religious beliefs of societies", "Buildings, spaces, places and landscapes charged with spiritual and religious value represent an important element of stable and human social life and community pride". Cf. The Habitat Agenda, Section IV C - Sustainable human settlements development in an urbanising world, HABITAT II, ONU, 1996.

² "Les travaux de l'anthropologie culturelle puis ceux de la sociologie et de l'ethographie urbaines ont montré comment l'organisation spatiale de leurs établissements permet aux sociétés traditionnelles comme aux minorités économiques et ethniques de maintenir et d'affirmer leur identité ". CHOAY, F., (Sept propositions sur le concept d'authenticité, NARA Conference on Authenticity, Japan, 1994, UNESCO/ICCROM/ICOMOS, Trondheim, Tapir Publishers, 1994:116).

e quantificar áreas especiais de proteção histórica, social, urbana, funcional, estética e cultural. Por último, os estudos da fragilidade procuram determinar a vulnerabilidade e resistência das distintas unidades da paisagem em face das atuações humanas. É, sobretudo, com estas atuações humanas, que se constrói um conceito mais significativo do entendimento do valor da paisagem do património histórico. Como tal, entende-se que esta paisagem é por um lado; a expressão das ações humanas no território realizadas por várias gerações ao longo do tempo numa dinâmica de sistema vivo. Este sistema vivo encerra em si mesmo o relevo, o clima, a água, a vegetação, o solo, etc, constituindo os seus fundamentos biofísicos. Por outro lado, é uma atitude cultural onde quem, com equilíbrio e harmonia, constrói e usufrui, com um direto envolvimento, tira partido da sua beleza e bem estar, intervindo com mais valias criativas nos diversos projetos da própria arquitetura, onde se pode ir beber uma história urbana, uma sedimentação social, uma identificação cultural e uma tendência estética, revitalizando uma memória urbana à luz de novos atos contemporâneos de ver o património / paisagem dos núcleos históricos e desta forma, curta mas precisa, com poesia e significado, escreveu Simmel:

“...A paisagem é uma construção do olhar. A partir do olhar, de um olhar, define-se a extensão territorial que vai tomar a forma de paisagem.”

Simmel, G.; *La tragedie de la culture et autres essais*, Paris, Rivages, 1988.

O Território: Corresponde a uma superfície de terreno localizado dentro de um espaço vital de um estado, onde este exerce a sua soberania. Este espaço é delimitado por fronteiras diversas e estas podem ser naturais, quando coincidentes com acidentes naturais ou artificiais, abarcando também várias dimensões. O Território compreende o espaço aéreo, hídrico e o espaço terrestre, sendo necessário, a este espaço delimitado pelas mais diferentes e distintas fronteiras e dimensões, ser ordenado. Assim o Ordenamento do Território merece considerações maiores, dado estar num campo disciplinar profundamente esclarecedor e ser, fundamentalmente, a gestão da interação de homem / espaço natural, consistindo no planeamento das ocupações, assegurar a preservação dos recursos e potenciar infra estruturas existentes.

O seu Planeamento constrói uma reinterpretação ao nível das diferentes escalas e lógicas de reconhecimento dos diversos planos de atuação regional. A interação destas diferentes escalas têm por base planos municipais que definem o uso dos solos e estabelecem princípios para a gestão dos espaços urbanos, e dos seus lugares, tudo isto é gerado por planos operativos que regulam e ordenam as estruturas construídas, os seus edifícios e definem coerências para a localização das diferentes funções que nestas estruturas coexistem; temos a indústria, o comércio, a habitação, espaços verdes e a agricultura... O parque construído, o projetado, a urbe e os seus lugares com valias patrimoniais estão sob a tutela dos Planos de Urbanização, os de Pormenor ou de Salvaguarda que delimitam e desenham as estruturas, as tramas e a sua rede sistémica operacional.

Sobre a Arquitetura é sempre muito difícil dar uma noção completa e capaz, que satisfaça de uma forma cabal e que nos preencha o espírito, quando tentamos descrever este profundo universo da Arquitetura. Nas enciclopédias e dicionários encontra-se definida como sendo: “Arte de construir conciliando a necessidade prática e o sentido de beleza. Atende simultaneamente à solidez da construção e ao conjunto das proporções para que sejam agradáveis à vista. Segundo a finalidade a que se destina a arquitetura, esta pode ser religiosa, militar ou civil. Cada civilização tem o seu estilo arquitetónico para ele contribuindo, entre outros fatores, os materiais disponíveis, os conhecimentos técnicos e as condições climáticas.” (Grande Enciclopédia do Conhecimento, Porto, 2000, vol.2, p. 209; Mini Enciclopédia do Círculo de Leitores, Lisboa, 1993, p. 69). No entanto, pode-se acrescentar, que a arquitetura, também é formada por uma disciplina artística e técnica no que se refere à conceção intelectual de traduzir sonhos e desejos nos espaços. Tem, na sua essência, um conjunto de significados e significantes que surgem da criatividade, ordem e equilíbrio dos espaços e dos valores dos quais vive e dá vida, ou seja, todos os atributos espaciais que são apreendidos pelos sentidos humanos e se configuram nestes últimos, pelas atividades humanas, com a luz, nas formas, e funções consubstanciando-se na valorização do património construído no território, no ambiente e sob valores de eco sustentabilidade, estes sempre sedimentados na história e pela História.

Sobre a arquitetura, e citando um mestre, assim escreveu:

“La arquitectura es un juego magistral, perfecto y admirable de masas que se reúnen bajo la luz. Nuestros ojos están hechos para ver las formas en la luz y la luz y la sombra revelan las formas...”

Le Corbusier, hacia una arquitectura.
Comentário em Ronchamp, Francia. La obra, Notre Dame Du Haut, 1950 a 1955.
Ching, F., 1989:180

Surge pertinente um entendimento do termo História, na sua origem etimológica do latim história, designa um relato ordenado, alimentado de acontecimentos do passado. Exprime a memória de sociedades, sem esta memória, uma sociedade não é durável. A História, como conjunto de atos, será escrita com “H” maiúsculo, a sua veracidade só surge com a reflexão sobre o acontecimento, a procura de uma lógica ou até de uma causalidade no encadeamento dos fatos³ continuados, que demonstram sinais de vitalidade, tal como fica demonstrado na necessidade de se entender e dialogar com um lugar, pela história, uma realidade que é atestada, também, na importância essencial em todas os acontecimentos e seus lugares com o “fator tempo” e do veículo que a história encerra como única atitude, que permite apreciá-lo eficazmente e dominá-lo. Por estas virtudes, aqui entendidas, pela sedimentação dos acontecimentos no tempo, também no seu acumulado ou encadeamento de ações que formam os alicerces e a construção do nosso passado, envolve a sustentação do presente e o abrir de novas portas para o futuro, quer sob passos cambaleantes nas vicissitudes ou firmes nos

³ Assim se torna decisiva a contribuição da Grécia antiga, o Homem surge como o centro de todas as coisas, a civilização Grega inventa a História, emancipada do mito. No século V a. C., Heródoto classificado mais tarde por Cícero “o pai da História”, inicia uma pesquisa simultaneamente geográfica, etnográfica e história sobre os povos.” A consultar; C. Samaran, L’Histoire et ses méthodes, Gallimard, “Pléiade”, 1961. J. Le Goff, La Nouvelle Histoire, Complexe, reed. 1988. C. Carbonnel, L’Historiographie PUF, 5.^a ed., 1995.

sucessos, as sociedades modernas necessitam de exercer o dever da memória, que integra a história, contrariando as ameaças que o esquecimento, a irresponsabilidade ou, por vezes, a manipulação duvidosa faz pesar sobre o património. Neste contexto surge a Identidade que é um conceito juntamente com a cultura, a identidade cultural, ganha um valor patrimonial profundamente interessante e pertinente. Ao entendermos que a identidade, por si só, é a constatação de um significado substantivo de um conceito e vinculado na sua essência através de uma unitária configuração dos seus atributos fundamentais, neste universo pode acrescentar-se, ou complementar-se, uma atitude que se afaste de tendências de comportamentos tipificantes, significa uma identidade cultural que assenta no dissociar-se, ser diferente de contextos globalizantes e descaracterizadores. Esta vislumbra-se nas tradições culturais (in) tangíveis com a história, os saberes e as memórias de um lugar, de uma comunidade de diferentes manifestos linguísticos, de trabalho, nas danças, costumes, na arquitetura e a própria apreensão e apropriação dos espaços. Todos estes valores identificadores fortalecem o sentimento de pertença a um lugar, a uma comunidade, cultura ou tradição que permite realizar a ligação entre o passado, o presente e projetar o futuro. Lembrando Norberg-Schulz, este tem uma percepção muito distinta e profunda sobre a importância da identidade de um lugar e do seu reconhecimento. Uma questão fulcral do seu trabalho, o designado *Genius Loci*, este afirma da seguinte forma; “no passado, o lugar era naturalmente entendido como parte da realidade vivida, estava lá, havia a sua tomada de posse e a sua fruição, os acontecimentos surgiam inseparáveis do contexto de lugar”⁴, logo o essencial identificativo tem, no carácter do local, uma das suas expressões máximas. Norberg-Schulz aspira a uma realidade que conforme afirma; “a arquitetura moderna funcionalista já não tem um carácter de local, a noção de lugar tradicional alterou-se substancialmente, tornando-se abstrato, perdendo a noção figurativa dos espaços, surge a perda de lugar, de orientação, a perda de habitar, de identidade.”⁵ Também recorrendo a alguns dos exemplos “intemporais” na literatura universal, lembramos os pensadores e autores de grandes obras, que muito nos dizem na sua forma idealizada e escrita, nos seus significados, nomeadamente no tema desta parágrafo – a identidade, assim temos: a *Ilíada* e a *Odisseia*, atribuídas ao poeta grego Homero (séculos IX-VIII a. C.), estes relatos, cantados pelos aedos durante as festas, estavam ligados a uma função ritual; a exaltarem os valores da comunidade, cimentavam a identidade coletiva e constituíam uma referência comum. Aristóteles (384-322 a. C.) afirmou que o contributo identitário e os seus feitos “a educação da Grécia, de um povo...” deste modo, a guerra de Tróia (ou Ilion) contada na *Ilíada*, ou o regresso de Ulisses (ou Odysseus), de Tróia à Ítaca natal, contada na *Odisseia* de Homero, não são simples relatos de aventuras; estes cantos devolviam aos Gregos uma imagem da sua identidade cultural.

A epopeia, adquire a função de reforço de identidade mesmo quando põe em cena os deuses, a cidade e os homens. O poeta latino Virgílio (século I a. C.) deu a Roma o relato fundador com a *Eneida*, onde relata as origens da “cidade”, a “*Urbs*” a partir do destino do herói Eneias; o texto inscreve e identifica a história romana na ordem e na grandeza do mito. A cada país, região, a cada lugar corresponde um acontecimento,

⁴ Norberg-Schulz, Christian, *Genius Loci, Paesaggio, Ambiente, Architectura, Electa*, Milão, 1979.

⁵ Norberg-Schulz, Christian, *Luogo e identità*, em *Centro Storico, Restauro o Progetto, La Casa Usher-Fundazione Michelucci*, Florença, 1987, (tradução livre).

por vezes, uma epopeia forjada em vários séculos, entre lutas, conquistas, tristezas, glórias e amores, à dimensão dos factos e de valores que alimentam as raízes do imaginário coletivo de um povo. A própria identidade construída em vários séculos durante a Idade-Média e seu final; os Niebelungem (séculos VI-XIII) na Alemanha, as Sagas nórdicas (séculos X-XIII), os poemas de Cid (meados do século XII), em Espanha, a célebre Canção de Rolando (século XI), e em Portugal, os Lusíadas, (já nos meados do século XVI), onde Luís de Camões relatando a epopeia dos descobrimentos portugueses num tom, que segundo o autor teria que ser “grandiloquo e eloquente”, narrado com “engenho e arte” os feitos épicos da nação, os valores que identificam e valorizam um povo. Criam-se ações extraordinárias realizadas por personagens excepcionais, num universo de antagonismo, do bem e do mal, onde o histórico se mistura com o fantástico e o maravilhoso, manifestando a presença e a obra do divino, onde se cria a união de valores maiores que alimentam o sentimento de pertença e de comunhão do sentido do coletivo, onde a identidade cultural ganha um valor patrimonial e de Simbologia. Os símbolos e os atos que lhe conferem sentido, ou a simbologia, sempre foram considerados importantes por causa das características que possuem, e que, de um ou outro modo apontam para verdades do imaginário. Os símbolos vão ganhando uma maior complexidade e significado com o passar dos séculos, mudando com o contexto cultural. O significado simbólico de um edifício e seus componentes, pode ser muito complexo especialmente quando se trate de um edifício religioso. Uma torre aponta sempre para o céu, ou para um deus, ao passo que uma cúpula representa uma abóbada do próprio céu, caso flagrante e feliz, mergulhada em significados e simbologias, é a catedral, hoje museu, de Santa Sofia em Istambul, associada a valores quer celestiais, quer mundanos de um imperador romano que ordena a construção desta obra de arte.

Espaços e edifícios juntos e com formas diferentes simbolizam a realização e estatutos distintos, já que os elementos separados, por si só, têm o seu próprio simbolismo; portas e janelas marcam frequentemente limites entre mundos com todo um discurso referenciador entre o espaço público e privado, interior e exterior, vivendo ambos em articulação numa dicotomia que é a própria arquitetura, sendo mais que a soma das componentes primárias - as fachadas, o espaço interior... O significado simbólico dos espaços pode ser constatado no ato de reunião e convívio que ocorre no largo da igreja, do pelourinho, na grande praça urbana, ou sob um elemento referenciador num plano visual urbano, todos como garante do sentido comunitário e agregador dos seus próprios valores, reforçando uma coesão desses centros históricos que ganham corpo nessas tradições, raízes com o tempo e que geram uma apropriação de sentido de pertença e do existir com esse espaço, dialogam com esses símbolos e integram-se nessa cultura, e na sua história, conferindo identidade intrínseca à comunidade a que pertencem, ou seja, o espaço o lugar e a sua especificidade.

Sobre o espaço e o lugar estes encontram recentemente novas correntes que pretendem alterar a designação de Lugar, ou Sítio para a categoria de “Bens mistos”, ou de “Paisagens culturais”, no entanto, neste capítulo surgiram várias dúvidas no que respeitava a esta categoria que tinha como suporte as duas componentes – o património construído e o património paisagístico e uma crescente vontade de separação. O Lugar, prende-se, sobretudo, com a apreciação de espaços caracterizados

e homogéneos, denunciando uma determinada realidade num certo espaço de tempo e possam ser convenientemente delimitados geograficamente, que detenham um conjunto de alterações projetadas ou edificadas, aqui de uma forma artificial, que expressem a presença do homem, mas mantendo um estado natural e inviolado, ou não descaracterizado e apresentem assim, o seu interesse arqueológico, artístico, histórico, científico, paleontológico, social, antropológico e etnográfico⁶. Contudo, nas várias e discutidas Orientações da UNESCO⁷, nas quais se observaram novas diretrizes para a classificação do Património Mundial, estes dois conceitos surgem separados, onde se dá maior ênfase às “Paisagens culturais”.

Aldo Rossi chamou ao lugar – Locus⁸, e este autor vai mais além da referência geográfica, meramente cartografada, era sim uma relação singular existente entre as marcas que estão vincadas num espaço e toda uma sequência de alterações que ocorrem nesse lugar, durante um determinado espaço de tempo. Esta exposição encerra de uma forma soberba toda uma visão e um entendimento global, unitário e efetivo de um profundo conhecimento que Rossi demonstra ter sobre – o sítio. Este “Locus”, a meu ver, ganha carácter e imagem como resultado de um conjunto de caracterizações que podemos designar de sequências urbanas, entendidas como: efeitos perspéticos e de surpresa, quando se contorna um edifício, na própria transição de espaços, na perceção da diferentes escalas destes, aqui também, se enquadram os cheios e vazios nas fachadas, os índices plásticos que se podem observar numa cornija, numa coluna, numa moldura, num alpendre, na ambiência cromática, nas superfícies texturadas do granito, entre outras... num conjunto histórico e coerente, afeto a cargas psicológicas e afetivas que geram uma perceção unitária de elementos comuns, como tal, o lugar é uma realidade não abstrata e a noção de lugar deve basear-se na história, onde se manifesta a memória do ser e do estar lá e a cultura desse sítio. Numa teoria do lugar, o Genius Loci⁹, com Norberg-Schulz, o espaço define-se por atos concretos do quotidiano, pelas coisas que conhecemos e constatamos diariamente, manifestando-se, assim, uma organização disciplinar e cultural organizada de uma comunidade que, espacialmente, está expressa no seu lugar comum, no estar, que se alimenta de uma memória coletiva, nos significados históricos no tempo, nos registos formais e espaciais da arquitetura e nas emoções, no sentir de quem o habita, nas pessoas. Norberg-Schulz, também deixa prever, que devemos concluir que a preservação e a revitalização será um dos contributos vitais para evitar a dolorosa perda do lugar e a sua especificidade, seria a negação de tudo o que de mais natural necessitamos para viver e que, também, precisamos de acreditar.

A Especificidade dos Lugares à qual designo como um meio de articulação de valias, juntamente com a identidade e simbologia permite alcançar e verificar a qualidade e valor do património, e deverá envolver-se com um outro conceito; a

⁶ Designação extraída da lei portuguesa 13/85, de 06 de Julho, que ficaria conhecida como a Lei do Património Cultural Português.

⁷ 12.^a Seção da Conferência da UNESCO de Dezembro de 1988, realizada em Brasília.

⁸ Ver Aldo Rossi sobre um conceito de Locus, ver também, na tratadística histórica da Arquitetura da cidade, 2^a, tradução de José Chartres Monteiro, Ed. Cosmos, Lisboa, 2001. A 1^a Ed. Portuguesa de; A Arquitetura da cidade, 1^a Ed. Italiana, de 1966, sendo a recente de 1977.

⁹ Norberg-Schulz, Christian; Genius Loci, Paesaggio, Ambiente, Architectura, Electa, Milão, 1979.

racionalidade em arquitetura¹⁰. Entende-se, que a especificidade dos lugares, agora tratada, está ligada ao uso /utilização e ao objeto / edifício (s) enquanto disposição racional do seu caráter intrínseco, assim, observa-se um teor de valores próprios e singulares da característica do que lhe é específico, respeitante só e a ele mesmo, enquanto for portador da sua autenticidade. É um processo que se constrói sobre uma base de dados, de características e de conteúdos lógicos para melhor responder às solicitações, entendidas como as diversas funções que este (s) espaço (s) pode comportar, considerando sempre que estas possam ser diferentes ao longo do dia, ou da semana, umas não inviabilizando as anteriores... numa lógica de reversibilidade, atestando assim, uma maior longevidade a estes espaços.

Le Corbusier, sobre esta temática, defendia que a máquina enquanto produto e instrumento de racionalidade é a libertação da necessidade dependente da escravidão, fadiga, da dissipação e uma reelaboração do sistema social, enquanto produto da razão, que deve ser sempre entendida de modo diferente do conceito de funcionalidade, aqui sim, exalta-se a plasticidade, objetividade e adaptabilidade, como se vê na Escola da Bauhaus, a funcionalidade investe num significado que constrói uma metodologia de arquitetura associada à sua função entre necessidades do Homem e as soluções arquitetónicas para o lugar, com vínculos e regras específicas. Logo, temos o objeto / edifício (s) e o lugar, o uso e o funcionamento que conferem o ato e a essência, e assim, a especificidade do lugar.

2. OS QUATRO GRANDES E OS PONTOS CONCORRENTES PARA UMA VALIA PATRIMONIAL

Estas reflexões e explicações síntese dos significados e significantes dos elementos fundamentais atrás descritos, interpretam-se melhor quando complementadas com várias definições de um conjunto ordenado de pontos concorrentes para a valia do património e a sua qualidade, segundo uma estrutura articulada que se desenvolve nos pontos que se seguem, finalizados pelas figuras explicativas, no final.

A síntese de leitura e os raciocínios associados aos pontos atrás mencionados, concorrem para a elaboração de um verdadeiro significado para se alcançar um processo de materialização e entendimento formado por um conjunto de valias que melhor permitem esclarecer o lugar do património e a sua qualidade. Estes são estruturados numa postura abrangente, do geral para o particular, sendo lida pelo grande universo inserido na harmonia e valor, que abarca a análise quer dos Centros Históricos como os referenciais síntese do entendimento patrimonial, quer como indicadores de um núcleo histórico, quer como conjunto de feitos urbanos. Estes últimos podem ser inseridos nas sequências urbanas no seu espírito do lugar, que por sua vez, são constituídos pela tipologia edificatória, uso / fruição e o espaço anisotrópico. No início, desta cadeia interpretativa e de síntese, no grupo 1º, abaixo exposto, como elementos de base estão bem presentes as designações fundamentais: coerência, coesão, unidade, escala e proporção, conforme descrições que se seguem:

¹⁰ Semper, Gottfried; *The Four Elements of Architecture and Other Writings*. Trans. Harry F. Mallgrave and Wolfgang Herrmann, Cambridge, 1989.

1.º grupo;

- (1) Coerência – Do latim *cohaerentia*, significa um estado de conformidade, empatia formal e funcional, congruência, harmonia e uma união de valores semelhantes entre si, ou que concorrem segundo os mesmos princípios buscando um conjunto de resultados que partilhem de objetivos com uma forte afinidade de critérios da mesma ordem gramatical compositiva e disciplinar.
- (2) Coesão – Do latim *cohaesione*, tem por definição também a harmonia, associação íntima e uma ligação forte de valores para o mesmo sentido ou fim. Estes dois anteriores termos têm um sentido convergente de valias, que se aproximam ou se associam intrinsecamente, com lógica, finalidades comuns e relação de afinidade de objetivos.
- (3) Unidade – Na origem latina *unitate*, qualidade de grandeza convencionalmente tomada como padrão e homogeneidade para determinar a “mensurabilidade” de outras atitudes de valorização de similar espécie, atestando a uniformidade e correspondência da mesma ordem de valores, podendo ser considerada uma ação simultânea de diversos agentes detentores de valores relativamente diferentes e concorrentes entre si, tais como; a forma, o uso e as categorias espaciais (físicas e emocionais) configuradas aos ambientes e que tendem para igual fim.
- (4) Escala e Proporção – É uma relação de uma ordem de grandeza determinada, em consonância às dimensões do objeto original / modelo. É uma orientação, ou balizamento mental que estabelece valores comparativos com uma subordinação; métrica, de relação entre volumes, espaços e hierarquia destes, na proporção e aferição de escala para se ajustar à subordinação da referência humana, no equilíbrio e bem estar das pessoas e do seu uso. Este primeiro grupo corresponde aos quatro parâmetros que na sua base articulam a veracidade de um conjunto histórico e lhe dão atitude – verifica-se a conformidade e uma união de valores semelhantes entre si com uma ligação forte para o mesmo fim, assim temos coerência e coesão. Há um padrão como medida, que uniformiza grandezas de ordem semelhante como a forma do conjunto é equilíbrio no seu todo, o uso e as categorias espaciais são configuradas no mesmo ambiente físico e comportamental, então verifica-se a unidade, que é reafirmada pela escala e proporção, dado estas relações comparadas estar em unísono e balizadas por uma métrica uniformizadora e “conciliadora” nos volumes, nas massas construídas, no peso da imagem e na lógica construtiva. Todos estes critérios estão presentes na maioria dos bons exemplos construídos numa obra de qualidade patrimonial.

2.º grupo;

- (5) Tipologia edificatória (no espaço urbano) – É uma expressão física das mutações urbanas. A tipologia e a morfologia explicam a natureza dos processos que levam à formação do conjunto urbano, são o tipo de edifícios que num lugar, ou num quarteirão / bairro determinado permitem caracterizar um tecido construído. O tipo é o conjunto de caratères organizados num todo. A tipologia ou estado lógico dos tipos relaciona-se em primeiro lugar com as ideias de classificações, operação redutora de um conjunto de objetos.
- (6) Uso / fruição – É o tirar partido, ou alcançar benefício de qualquer meio

projetado e construído para realizar tarefas em novas solicitações. Em termos urbanísticos, o uso indica o destino que se pode dar ao conjunto edificado e o que se pode construir numa determinada zona, juntamente com a especificidade do seu uso / utilização.

- (7) O espaço anisotrópico, (sua qualidade) – É considerado ele mesmo, o espaço, mais a sua relação em função ao seu desempenho e à sua articulação com os elementos em torno dele, tais como; utilização, uso, localização e virtude nesse diálogo interativo do qual necessita para o desempenho das suas funções. (exemplo: a porta e o espaço que esta necessita para bem desempenhar a função de abrir e fechar). Neste segundo grupo, considera-se um conjunto agrupado de valores lidos no tipo e forma enquanto aglomerado urbano que se observa, existe e tem uma formação histórica e fundada a partir do grupo anterior, o 1º grupo. O seu uso, indicativo de um propósito ou destino, atualmente está vigente, “vivo”, depara-se nos primeiros indícios quando se visita um centro histórico consolidado, onde a relação espacial e formal estão presentes, tem uso, é necessária e funciona em conformidade com os requisitos com o qual se identifica e se caracteriza - o património arquitetónico e histórico é a sua anisotropia.

3.º grupo;

- (8) O espírito do Lugar; a) Condicionantes do lugar – pré existências, luz, cheiro, água, construções feitas pelo homem, existência de valores iconográficos, incidência cromática dominante, sistemas construtivos de referência, materiais de época e estilos arquitetónicos, apontamentos ou acontecimentos escultóricos em locais sensíveis, comportamento cultural e enraizado nos seus costumes pelo tempo e pela memória. b) Caráter do local – constatação do seu teor funcional, a acessibilidade, mobilidade, análise tipológica, análise morfológica, análise sequencial de grandes ligações e eixos comunicantes, efeito de reflexão, estreitamentos, ritmos, convexidades e também, a existência ou não, de edifícios de diferentes épocas.
- (9) Sequências urbanas – Surgem no somatório de informações físicas e emocionais com que nos deparamos quando nos movimentamos pelos espaços comunicantes e, mais ou menos, intersticiais da cidade / centros históricos e nos quais sentimos emoções diversas, tais como, efeitos surpresa, transição de espaços e as grandes ou pequenas alternâncias de escalas, cheios, vazios, a plasticidade no coroamento de um edifício..., pontos focais de remate no “fim da rua”, as tensões espaciais entre espaços e edifícios ou nos eixos perspéticos dos elementos comunicantes no seu simbolismo ou orientação, também na constatação dos costumes a nível social dentro de núcleos ou espaços de convergência / encontro caracterizados pelas tradições específicas dessas comunidades. Neste terceiro grupo, concluímos que se aumenta a escala de apreciação que o lugar exhibe, com facilidade uma cultura de enraizamento histórico, social, de tangibilidade patrimonial. É o seu caráter que se serve das inúmeras condicionantes do lugar, as pré existências, comportamentos e ambientes, contribuindo para a formação de espaços de surpresas e emoções nas tidas sequências urbanas que geram estes acontecimentos.

4.º grupo;

- (10) A análise do aglomerado histórico como conjunto de feitos urbanos com valor;
- a) As origens históricas - na componente edificada formam um ponto importante, agrupam “todos” os centros históricos de uma forma homogénea e integradora na mesma “raiz” e “princípios” no tempo, nos acontecimentos e na sua valia arquitetónica, entre outras.
 - b) Estrutura urbana e os elementos da sua significação - a casa, o monumento, a rua, o largo / praça com o simbolismo que lhe está vinculado, as diferentes construções no seu cunho tipológico e valor de matriz histórica e apelativa na forma, conteúdos e feitos sociais, posicionam-se como reguladores da mancha urbana.
 - c) A identificação / localização de valores de teor qualitativo - considerados enquanto; locus, desenho, a memória e o tempo.
 - d) A evidência da sua continuidade espacial - dentro dessa estrutura edificada existem pontos hierarquizados que ordenam uma postura compositiva.
 - e) A necessidade de reconhecer a continuidade temporal - desses feitos.
 - f) Os elementos dissonantes – atualmente há um maior cuidado em minimizar os erros cometidos no passado com o desrespeito pelo património onde se atuou de forma acrítica, deixando um estado gritante e profundamente problemático nas modificações “de época”. Esta situação de minimizar os efeitos negativos de construções descaracterizadas e desajustadas, não está nem poderá ser, a breve prazo, totalmente irradicada, no entanto, deve-se essencialmente à proteção e supervisão dos organismos superiores do Estado; DGPC, câmaras municipais e juntas de freguesia, muitas vezes em uníssono numa atuação positiva em prole dos projetos de recuperação, requalificação e revitalização dos centros históricos.
- (11) Harmonia (no espaço construído) – Esta nasce da relação entre diversos elementos integrados numa unidade superior – o espaço exterior, este espaço como “figura” ou o fundo dessa figura que são os edifícios, podendo ser esta entendida como a reflexão ou a sombra projetada de uma escultura sobre a água.
- Cada edifício deve ser coerente consigo próprio, se adapte e se integre às condições onde se posiciona e vive. Os alçados relacionam-se com a linguagem dos vãos, ritmos e homogeneidade do existente, busque a alma e integra-a no novo, quando se trata de intervenção nas pré existências. Estes alçados são a componente vertical do espaço exterior urbano, conferindo-lhe imagem, são também, a película vertical de transição de diferentes linguagens entre o interior dos edifícios e a sua relação com o contexto envolvente exterior, promovendo relações intrínsecas entre eles.
- (12) Valor – Origem etimológica do verbo latino valere (ser forte...) na sua definição o valor compreende-se por si mesmo, e dá-se como princípio irreduzível a qualquer outra ordem, como tal, é difícil a noção de valor sem a utilizar na sua própria definição.
- Desde tempos imemoriais, os valores encerravam o título e a busca da obtenção de bens, do que era desejável, apreciável, de grande estima e elevado preço ou raridade. O que é entendido como valor, deixava-se

reger por juízos de boa conduta, ética, onde o verdadeiro, o bom e o belo são a base para se atestar a valia e qualidade, suscetível de posse, troca, venda ou oferta enquanto bem, norma ou boa conduta. Também de boa imagem, prestígio, poder para governantes, uma vez, que confere estatuto e sabedoria para os estudiosos e amantes do conhecimento.

Sobre esta exposição, os quatro grupos, concluímos que só se poderá validar todo um plano se o seu balanço final tender para encontrar o objetivo proposto. Mesmo distante, esse objetivo deverá nascer de uma relação equilibrada entre os atos e atitudes integrados numa dinâmica de continuidade renovada do património. Temos a harmonia que, naturalmente, é conjugada e consagrada com tudo o que é tido como de boa estima, desejável, verdadeiro e belo, que tenha proporção, escala, ordem, luz e alma, que funcione, ou seja, que tenha valor, assim obtemos a seguinte estrutura:

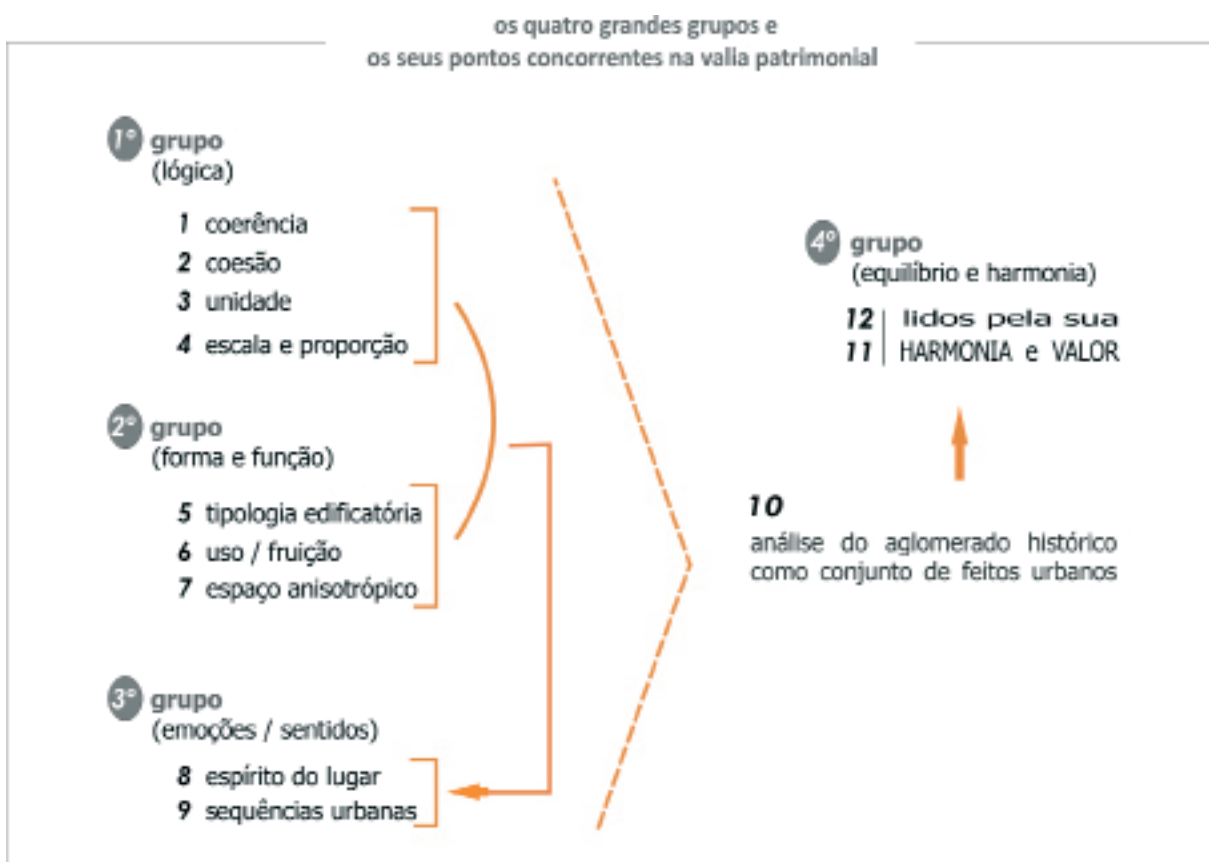


Fig. 1 - Estrutura articulada dos quatro grupos (doze pontos) concorrentes na valia patrimonial.

2.1 – Pontos concorrentes de uma síntese a dinâmica de auto verificação - fórmula matriz

O organograma que se segue expõem os pontos que concorrem para uma síntese, articulando os valores da génese e síntese – referenciadores do património, e da sua qualidade e valor. Os seus grandes grupos concorrentes na valia patrimonial geram uma unidade maior onde se atesta, a razão da escolha e o enquadramento de um centro histórico, elemento referenciador que, por si só, reúne as leituras e valias prontas a realizar o compromisso da sua eleição como objeto de estudo,

nomeadamente nos pontos que se seguem: “o todo e as partes, o “organograma da dinâmica de auto verificação” e “a sua singularidade”. A tipologia urbana de um centro histórico distingue as várias tipologias desse mesmo núcleo histórico, as tradicionais e de referência são os casos de eleição, por vezes ímpares, não se retira com isto o valor intrínseco de cada núcleo, mas sim, procuramos ler e entender o conjunto. Este processo surge de uma metodologia de investigação onde nos envolvemos, há vários anos, quer como profissional, quer com os ensinamentos e conteúdos programáticos dos estudos que promovemos junto dos estudantes, na universidade, na disciplina de projeto III, do quinto ano do sistema pré Bolonha, presentemente inserido no contexto da obtenção de mestrado, pelos estudantes, no IIº ciclo universitário. Testam-se estes ensinamentos e a sua prática no dia-a-dia, são os levantamentos no casco histórico das cidades tais como Guimarães ou Porto, os planos de discussão a nível criativo e de desenvolvimento funcional e formal na feitura dos trabalhos, culminando no ato final da apreciação comparativa e crítica construtiva dos trabalhos obtidos e todo o valor acumulado destas experiências, sempre enriquecedoras e, para todos gratificante, onde se salienta, abaixo, uma dinâmica de conjunto das componentes individuais de auto verificação da qualidade do património e o seu Centro Histórico (CH).

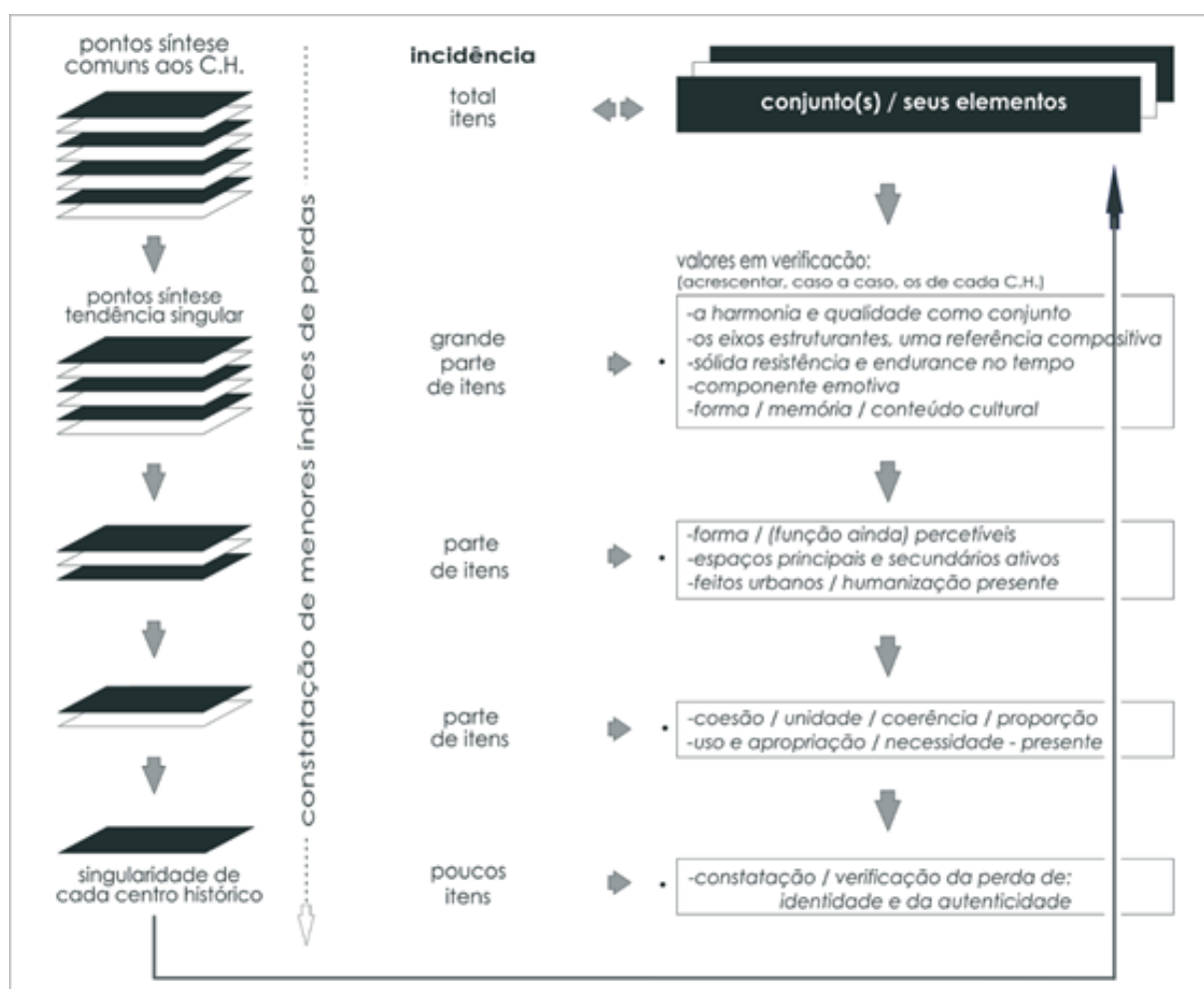


Fig. 2 - Organograma onde se verifica uma contínua relação das partes e do todo, na qual tem que estar presentes três vetores essenciais: verificação (V), continuidade (C) e renovação (R) envolvidos por uma dinâmica motriz (d), os quais em conjunto atestam uma razão verificável e justificável, que se pode enunciar na fórmula / matriz abaixo exposta:

$$\frac{V + C + R}{d} = \text{nova sustentabilidade dinâmica que potencia e vitaliza largamente a qualidade e valor do lugar(s)}$$

O seu entendimento (fórmula / matriz)

A figura 2, é um organograma funcional que explica e exemplifica uma organização concetual onde o todo e as partes interagem de forma a configurar uma fórmula / matriz, ou seja, uma verificação que enquanto se constatar a sua autenticidade, temos uma afirmação concreta, séria e demonstrativa da qualidade e valor enquanto – garante da sustentabilidade do património.

Sendo assim verdade, então estamos a constatar que um círculo em rotação dinâmica e ritmada (fig.2), percorrendo todos os itens que compõem o total desse mesmo circuito, estão em constante atuação, em que cada um destes itens, que se expõe, revela-se, atuando em articulação de um conjunto sistémico. Significa isto, portanto, que a sequência é justificada “passo a passo” encorpando um conjunto que se completa, que explica e resolve um raciocínio lógico verificável nos seus pontos comuns a todos os centros históricos e o manifesto teor de singularidade de cada um destes centros históricos¹¹, obtendo-se assim a confirmação do todo / conjunto e a exceção do único / singular.

Toda esta evidência e equação de valores permanece verdadeira enquanto for testada e se verifique tal como é, assim, este organograma preserva a sua integridade que, até ao presente momento, defendemos profundamente, no entanto, respeitamos a dúvida científica para aceitar o que de diferente poderá ocorrer futuramente.

CRÉDITO DE IMAGENS E FIGURAS

- Fig. 1 Estrutura articulada dos quatro grupos (doze pontos) concorrentes na valia patrimonial, pág. 11. [fonte: Jorge Barbosa, arquivo pessoal].
- Fig. 2 Organograma da dinâmica de auto verificação da qualidade patrimonial nos Centros Históricos, pág. 12. [fonte: Jorge Barbosa, arquivo pessoal].

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO IBAÑEZ, M.^a del R.; El Patrimonio Histórico. Destino Público y Valor Cultural, Madrid, Ed: Civitas-Universidad de Oviedo, 1992.
- BONFANTI, E.; “Arquitectura para los centros históricos”, Architectura rationale, Madrid, Ed: Alianza, 1979.
- CHING, Francis; Arquitectura: Forma, Espacio y Orden; Ed.: GG/México, 1989.
- CHOAY, Françoise; A Alegoria do Património, Ed.: 70, Lisboa, 2000. Título original:

¹¹ A UNESCO incluiu o Centro Histórico da cidade do Porto, em 1996, na Lista do Património Mundial e o Centro Histórico de Guimarães foi classificado, em Helsínquia, em 2001, tornando-se este último o 11º município português a receber esta distinção internacional da UNESCO.

- L'Allégorie du Patrimoine, Éditions du Seuil, Paris, 1982, 1996 e 1999.
- CHOAY, Françoise, Sept propositions sur le concept d'authenticité, Nara, Conference on Authenticity, Japan, 1994.
- MONTEIRO, José Chartres; A Arquitetura da Cidade, 2ª tradução, Ed.: Cosmos, Lisboa, 2001.
- Norberg-Schulz, Christian; Genius Loci, Paesaggio, Ambiente, Architectura, Electa, Milão, 1979.
- Norberg-Schulz, Christian; Luogo e identità, em Centro Storico, Restauro o Progetto, La Casa Usher-Fundazione Michelucci, Florença, 1987.
- ROSSI, A.; A Arquitetura da Cidade Lisboa, Ed.: Cosmos, 1977.
- SAMARAN, C.; L'Histoire et ses méthodes, Gallimard, "Pléiade", 1961. J. Le Goff, La Nouvelle Histoire, Complexe, reed. 1988. C. Carbonnel, L'Historiographie PUF, 5.ª Ed., 1995.
- SEMPER, Gottfried; The Four Elements of Architecture and Other Writings. Trans. Harry F. Mallgrave and Wolfgang Herrmann, Cambridge, 1989.
- SIMMEL, G.; La tragedie de la culture et autres essais, Paris, Rivages, 1988.

JORGE FERREIRA BARBOSA

Natural de Vila Nova de Gaia, Doutoramento em Arquitetura na vertente do património arquitetónico e histórico pela Universidade de Sevilha. Investigador do I&D e membro do Conselho Científico do CITAD, professor auxiliar nas faculdades de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada - Norte, arquiteto com projetos licenciados e construídos, docente, desde 1996, com experiência de regência nas Unidades Curriculares tais como: Arquitetura, Projeto, Urbanismo, Planeamento Regional e Urbano, Edificações, Ambiente e Sustentabilidade na Arquitetura e Materiais Aplicados. Presença como júri a trabalhos de investigação científica com defesa pública, quer como arguente, orientador ou presidente aos mesmos. Realizou e concluiu trabalhos de investigação científica, sobre as "Aldeias Históricas de Portugal", 2000-02, sob a orientação do Prof. Arquiteto Fernando Távora.

Máster em "Gestión del Patrimonio Histórico" - Universidade de Salamanca, Espanha, 2000, Bolseiro da Fundação Rei Afonso Henriques, aqui, como arquiteto convidado e responsável na realização de trabalhos inscritos no projeto: "Identificación, Evaluación y Análisis de Recursos del Patrimonio Histórico en el Corredor del Rio Duero", Dep. de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea da Universidade de Salamanca, no âmbito do "Programa Terra", com trabalhos: "La catalogación de la Arquitectura Modernista (Arte Nova) y Arquitectura Racionalista (Estado Novo), de la ciudad de Oporto y zona metropolitana". Participação como moderador ou orador em congressos, presente no desenvolvimento de estudos e comunicações sobre a temática do património arquitetónico e histórico.

arq.fbarbosa@gmail.com

